

**Disciplina:** Língua Brasileira de Sinais – Libras

**Autores:** Esp. Letícia Ribeiro Guebur

**Revisão de Conteúdos:** Esp. Irajá Luiz da Silva / Esp. Murillo Hochuli Castex

**Revisão Ortográfica:** Esp. Juliano de Paula Neitzki

**Ano:** 2018



F A C U L D A D E  
SÃO BRAZ

Copyright © - É expressamente proibida a reprodução do conteúdo deste material integral ou de suas páginas em qualquer meio de comunicação sem autorização escrita da equipe da Assessoria de Marketing da Faculdade São Braz (FSB). O não cumprimento destas solicitações poderá acarretar em cobrança de direitos autorais.

Letícia Ribeiro Guebur



# **Língua brasileira de sinais: Libras**

**1ª Edição**

**2018**

**Curitiba, PR**

**Editora São Braz**



**FICHA CATALOGRÁFICA**

FACULDADE  
SÃO BRAZ

GUEBUR, Letícia Ribeiro.

Língua brasileira de sinais: Libras / Letícia Ribeiro Guebur. – Curitiba, 2018.

53 p.

Coordenação Técnica: Marcelo Alvino da Silva.

Revisão de Conteúdos: Irajá Luiz da Silva / Murillo Hochuli Castex.

Revisão Ortográfica: Juliano de Paula Neitzki.

Material didático da disciplina de Língua Brasileira de Sinais: Libras – Faculdade São Braz (FSB), 2018.

ISBN 978-85-5475-314-6

## **PALAVRA DA INSTITUIÇÃO**

Caro(a) aluno(a),

Seja bem-vindo(a) à Faculdade São Braz!

Nossa faculdade está localizada em Curitiba, na Rua Cláudio Chatagnier, nº 112, no Bairro Bacacheri, criada e credenciada pela Portaria nº 299 de 27 de dezembro 2012, oferece cursos de Graduação, Pós-Graduação e Extensão Universitária.

A Faculdade assume o compromisso com seus alunos, professores e comunidade de estar sempre sintonizada no objetivo de participar do desenvolvimento do País e de formar não somente bons profissionais, mas também brasileiros conscientes de sua cidadania.

Nossos cursos são desenvolvidos por uma equipe multidisciplinar comprometida com a qualidade do conteúdo oferecido, assim como com as ferramentas de aprendizagem: interatividades pedagógicas, avaliações, plantão de dúvidas via telefone, atendimento via internet, emprego de redes sociais e grupos de estudos o que proporciona excelente integração entre professores e estudantes.

Bons estudos e conte sempre conosco!

Faculdade São Braz

## **Apresentação da disciplina**

A disciplina de Língua Brasileira de Sinais (Libras) contempla a oficialização do idioma e propõe-se a evidenciar aqueles que o utilizam cotidianamente para fins comunicativos (a comunidade Surda). Nesse sentido, será introduzida a reflexão a respeito das características próprias da língua quanto à sua sinalização, procurando-se abordar, também, questões gramaticais específicas. Desse modo, serão apresentadas as principais nomenclaturas utilizadas para referenciar a pessoa com surdez, bem como itens de vocabulário essenciais ao cotidiano e reflexões sobre os mitos que envolvem a temática inclusiva.

F A C U L D A D E  
SÃO BRAZ

## **Aula 1 – Língua Brasileira de Sinais (Libras)**

### **Apresentação da aula 1**

Nesta aula serão realizadas reflexões e considerações acerca do idioma sinalizado do Brasil e sobre a legislação estabelecida com o intuito de garantir a emancipação de uma comunidade de minoria linguística, que vem enfrentando lutas constantes para a equidade e reconhecimento como pessoas de direito. Nesse sentido, a chamada Lei da Libras é um dos avanços políticos que se fazem presentes devido a essa luta constante, mas, apesar dos progressos garantidos, sabe-se que em muito ainda é necessário avançar.

#### **1.1 Das especificidades do idioma**

A Língua Brasileira de Sinais – Libras foi legitimada por meio da Lei nº 10.436, de 24 de abril do ano de 2002, passando assim, a partir desta data, ser língua oficial do Brasil juntamente com a Língua Portuguesa.



Fonte: <https://nossaciencia.com.br/wp-content/uploads/2017/09/Libras.jpg>



## LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002.

Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente.

Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 24 de abril de 2002; 181ª da Independência e 114ª da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm)>

A oficialização fez com que a comunidade que já a utilizava para se comunicar, mesmo antes do decreto, ganhasse notoriedade e reconhecimento jurídico e assim visibilidade para exigir direitos quanto a sua especificidade e, em especial, sobre as práticas educacionais em atendimento ao sujeito Surdo.

Nela, evidencia-se seu canal de comunicação e seu sistema linguístico, as responsabilidades do Estado em referência à difusão do idioma, o suporte de acessibilidade aos mais variados serviços públicos por ele ofertados e as especificidades educacionais que devem ser atendidas conforme os níveis previstos.

A Libras é uma língua gestual-visual e tem como canal de comunicação o sujeito, que sinaliza e faz uso de expressões faciais, sendo estas percebidas pela visão do receptor da mensagem (FERREIRA, 2003 *apud* SOARES, 2013), diferentemente das línguas orais, em que o processo de transmissão das informações acontece pela emissão da mensagem por meio do aparelho fonador e são receptadas pelo canal auditivo. Por mais técnica que essas definições sobre a língua sinalizada pareçam, se fazem necessárias para compreender e ficar bem evidenciada a principal variedade entre a Língua Portuguesa e a Libras, que é o canal de comunicação utilizado para se valer entender.

As primeiras intenções de pesquisa em línguas de sinais traziam a errônea concepção de que a língua sinalizada teria como única referência a forma oralizada de um idioma, como se fosse adaptação de uma língua para a forma visual. Consequentemente, ao compará-las, deparavam-se com o não uso de artigos, preposições, entre outras características gramaticais de uma língua sinalizada, julgando-as inferiores, depreciadas e sem *status* linguístico, desconsiderando sua estrutura própria de produção.

A Libras é estruturada linguisticamente, possuindo todos os níveis linguísticos – fonológicos, morfológicos, semânticos e pragmáticos, como qualquer outro idioma. Ela supre as lacunas para o desenvolvimento linguístico e cognitivo do indivíduo Surdo, não sendo inferior a outra língua por não utilizar o aparelho fonador para efetividade em sua comunicação. Não é universal e possui regionalidades quanto aos sinais utilizados para designar dada palavra.

## Importante



A Libras, ao contrário do que muitos pensam, não é universal. Libras é a Língua BRASILEIRA de Sinais. É a língua utilizada pela comunidade Surda brasileira, evidenciando que cada país tem seu idioma sinalizado e uma forma característica de expressão.



As línguas de sinais são dinâmicas, podendo mudar e se atualizar ao longo do tempo, impossibilitando assim uma homogeneidade linguística em toda extensão territorial usuária de um idioma. Cada ser falante/sinalizante traz consigo suas características de expressão singular, além de seu repertório pessoal e contexto de produção, que devem ser itens considerados.

Um equívoco comum é o do questionamento quanto à universalidade do emprego dos sinais nas línguas viso-espaciais. Por mais que coincidam sinais ditos icônicos – aqueles que apresentam semelhança com a imagem da palavra referenciada, como, por exemplo, os sinais de casa, comer, dormir, telefone, entre outros, que são, sim, vocábulos utilizados na língua de sinais, mas também são gestos naturais do ato de comunicação que estão presentes em qualquer outro idioma de modalidade oral em qualquer lugar do mundo.

## 1.2 O Surdo e a surdez

A pessoa com surdez é aquela que apresenta incapacidade parcial ou total de ouvir sons, proveniente por inúmeros motivos, podendo ser uma condição temporária ou permanente do indivíduo. Por definição legislativa – Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005,

[...] considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz” e, por meio deste mesmo Decreto, introduz o sentido de referência estudado nesta disciplina com a consideração de que “a pessoa Surda é aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras.

## Saiba Mais



Confira na íntegra o Decreto nº 5.626 de 2005 que regulamenta a Lei da Libras. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)

# **LIBRAS**

(Língua Brasileira de Sinais)



Fonte: <https://cdn1.mundodastribos.com/37113-libras2.jpg>

O primeiro contato com a pessoa Surda causa estranhamento, não pela pessoa em si, mas pelas suas especificidades linguísticas. O desconhecido causa temor ao deparar-se com a diferença, seja em um ambiente profissional, religioso, estudantil ou qualquer outro espaço. Isso faz com que precisemos sair de nossa linha de conforto da língua e busquemos não só um novo idioma, mas formas alternativas de comunicação, para que o diálogo e a compreensão se efetivem de forma mais natural possível, fazendo do ambiente um espaço de acessibilidade, algo de cidadania e responsabilidade comum.

## Para Refletir



Após a introdução aos estudos de sinais, qual seria a forma correta de referenciar a pessoa que não ouve? Chamá-lo de Surdo não é ofensivo, preconceituoso?

### 1.3 Terminologias

A partir da década de 1990, com o início das pesquisas formais sobre a língua de sinais, intensificou-se a compreensão da condição da surdez como especificidade, e não mais enaltecida como uma característica patológica depreciadora da pessoa.

Dois vieses devem ser considerados com relação à temática da surdez, principalmente ao adentrar nesse universo tão complexo e ao mesmo tempo extasiante sob a perspectiva da não capacidade de ouvir. Duas posições claramente se opõem quando se fala do sujeito com surdez: a visão essencialmente médica, audiológica, como situação patológica a ser superada, que referenciará o sujeito como Deficiente Auditivo; e a visão humanista cultural com propostas educacionais e perspectivas de que são sujeitos que não ouvem, mas que, por meio da língua de sinais, expressam uma cultura própria, e que tem comunidade consolidada e identidade inerente a sua especificidade, referenciando-os como Surdos.

A surdez sob óticas antagônicas: a patológica e a cultural.

- **Patológica** no sentido da ênfase à deficiência, a medicalização onde o Surdo é visto como tendo uma deficiência que precisa de recursos e intervenções cirúrgicas para o reestabelecimento do que lhe é ausente, com intuito de reintegrá-lo ao grupo majoritário ouvintista.
- **Cultural** como a de sujeitos que usam e valorizam a língua de sinais, assumindo uma postura positiva diante da surdez e autonomia crítica, como cidadãos políticos. Porém, em nossa sociedade, o aspecto cultural da surdez é secundarizado, focando o discurso no fenômeno físico apenas (GESSER, 2009).

A terminologia “Surdo” por vezes traz estranhamento por parte de pessoas que não tem contato com essa comunidade específica. Chamar o Surdo de Surdo é a forma principal de reconhecimento de sua diferença, desfocando estereótipos negativos e de cunho preconceituoso. McCleary (2003) deixa

extremamente claro sua compreensão de surdez, alegando que o orgulho do Surdo é ter uma identidade Surda, que é um ato político.

É o sentido de ver-se como ser político, dotado de direitos e responsabilidades advindas de uma vida em sociedade, crítico e emancipado acerca das marginalizações sociais em que em muitas vezes os Surdos, como grupo linguístico e cultural, menor em número, se comparados aos grupos usuários de línguas orais, compreendem-se oprimidos e sem visibilidade notória frente a questões relevantes da sociedade.

O Surdo, dentro de sua comunidade, é representado pela forma de percepção do mundo de uma maneira visual. Strobel (2007) traz um quadro comparativo de como o sujeito Surdo se percebe perante o contexto social na qual está inserido e, de outro lado, pontua como a sociedade majoritariamente ouvintista vê este sujeito:

REPRESENTAÇÃO SOCIAL	REPRESENTAÇÃO DO POVO SURDO
Deficiente.	Ser Surdo.
A surdez é deficiência na audição e na fala.	Ser surdo é uma experiência visual.
A educação dos surdos deve ter um caráter clínico-terapêutico e de reabilitação.	A educação dos surdos deve ter respeito pela diferença linguística e cultural.
Surdos são caracterizados em graus de audição: leve, moderado, severo e profundo.	As identidades surdas são múltiplas e multifacetadas.
A língua de sinais é prejudicial aos surdos.	A língua de sinais é a manifestação da diferença linguística relativa aos povos surdos.

Fonte: QUADROS, PERLIN *apud* STROBEL (2007, p. 32)

Ao referenciarmos o sujeito que não ouve de Deficiente Auditivo, traz junto a ele um discurso carregado de perspectivas ditas clínicas, onde a ênfase se dá na falta, na incapacidade da percepção sonora.

A construção de uma identidade, seja ela surda ou não, é complexa e de cunho extenso antropológico conceitual, mas parte inerente a ela é considerar-se a natureza das relações sociais e atrelar isso ao uso de um código comum para que a comunicação aconteça. O Surdo em processo de aquisição do idioma, em específico nesta disciplina, considerando o tratamento da língua de sinais do Brasil, quando exposto a outros usuários sinalizantes, os tem como um referencial e essa interação faz com que a comunicação como um todo ganhe novos significados sobre todas as coisas/conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade. Isso possibilita formas novas de compreensão do mundo e todo esse conhecimento é mediado pela forma de expressão visual, uma vez que a linguagem oral não consegue alcançá-los em completude.

Outra demanda bastante relevante sobre terminologias utilizadas comumente precisa ser esclarecida. Ouvintes, em sua maioria, desconhecem a carga semântica que as palavras surdo-mudo e deficiente auditivo evocam. Considera-se erroneamente que termo surdo-mudo seria aceitável e o termo deficiente auditivo seria o politicamente correto ao dirigir-se a eles. Mas ao perguntar ao indivíduo Surdo como gostaria de ser chamado, ele certamente argumentaria que a terminologia deficiente auditiva é vista patologicamente e carregada de preconceitos. Da mesma forma, a terminologia “surdo-mudo”, que também não seria a ideal uma vez que ele, o Surdo, tem o aparelho fonador sem prejuízos, podendo fazer uso dele normalmente, caso treinasse para isso.

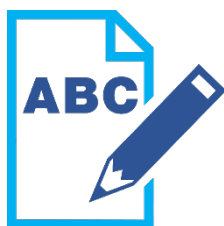
Culturalmente, a nomenclatura “Surdo” é a de identificação da comunidade, em uma perspectiva de fortalecimento e orgulho de sua condição. A surdez então é a sua especificidade, e sua língua é a de sinais (GESSER, 2009).

#### **1.4 Empréstimo linguístico: Alfabeto Manual**

O alfabeto manual em Libras possibilita a soletração de letras e numerais com as mãos. Nesse sentido, ele é empregado somente para soletrar nomes de pessoas, de lugares, de rótulos, endereços, para vocábulos que não existem na língua de sinais e também pode ser utilizado para descrever algo do qual se tem dúvida.

Remetendo à realidade e entendendo a não universalidade da Libras, mas admitindo que nela há **empréstimos e trocas linguísticas** para sua construção, a ideia de que a língua de sinais é a utilização apenas do Alfabeto Manual também é errônea. No Brasil, o Alfabeto Manual é composto por 27 configurações de mãos, correspondendo elas por cada letra do alfabeto. Esse é utilizado como apoio para a soletração de nomes próprios, siglas e eventualmente palavras que ainda não tenham sinais que as designem.

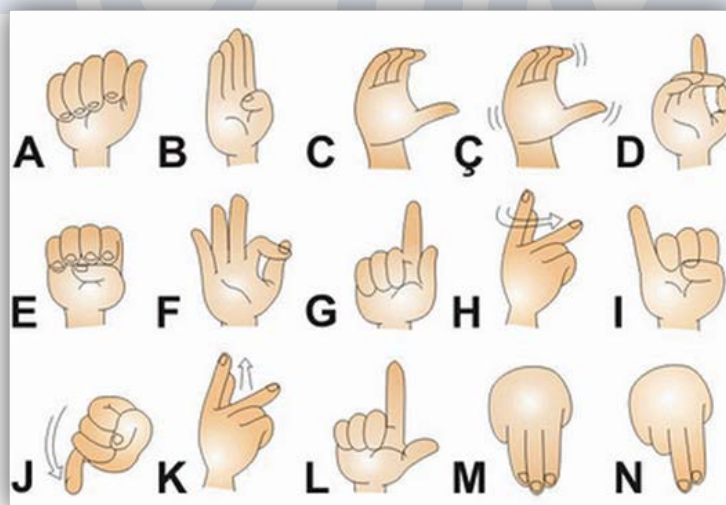
## Vocabulário



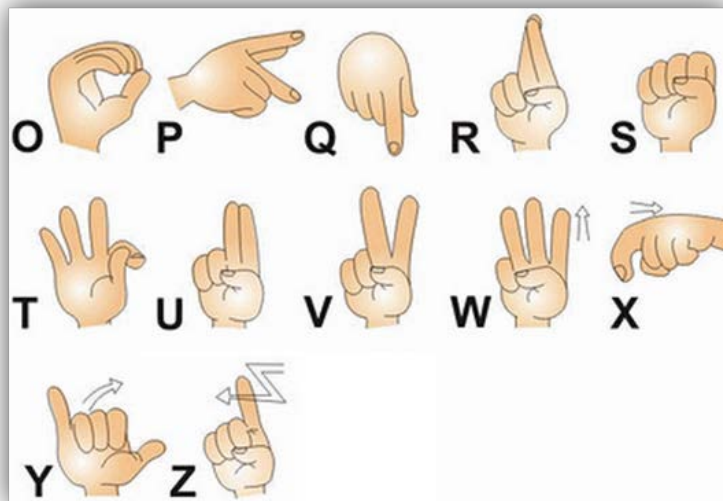
**Empréstimos e trocas linguísticas:** vocábulo/conceito original de outro idioma que se torna repertório linguístico usual de outro grupo cultural falante de outra língua.

Nas figuras abaixo, apresentam-se os sinais correspondentes às letras do alfabeto. Para facilitar o aprendizado, recomenda-se que o estudante pratique esses sinais em frente ao espelho, ou procurando formular palavras:

### Alfabeto Manual







Fonte: (CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D, 2004).

## Vídeo



No *link* abaixo, o vídeo do *Youtube* satiriza o uso excessivo da soletração no discurso sinalizado. Já pensou como ficaria cansativo soletrar palavra por palavra na hora da comunicação? Este vídeo em *ASL - American Sign Language* ilustra uma situação televisiva jornalística desmistificando que as línguas sinalizadas seriam apenas o uso da datilologia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fYAVL1Dxokk>

A soletração é um recurso, e não um objetivo final, considerando importante que tanto o emissor soletrante quanto o receptor da sinalização sejam letrados. O mesmo aconteceria em uma língua oral, caso o receptor de uma mensagem escrita fosse analfabeto. Por mais que domine a língua oral, a modalidade escrita, mesmo que seja em seu idioma, não chegaria a finalidade de comunicação, não podendo fazer uso desta em sua integralidade (GESSER, 2009).

# Importante



Definitivamente, as línguas de sinais não se detêm apenas na soletração. Mas seria uma versão sinalizada e adaptada da língua oral? Também não! Elas têm estruturas gramaticais específicas e expressam-se integralmente sem defasagens ou inferioridades em comparação com idiomas orais. Isso refere-se inclusive quando se fala em universalidade e diversidade nas formas de sinalizar.

## Converse Com Seus Colegas



A partir da utilização do alfabeto em Libras apresentado, procure formular o seu nome e praticar com um colega.

### 1.5 Língua e regionalidade

Afirmar que todos os brasileiros se utilizam do mesmo português para comunicar-se seria uma inverdade. E na mesma proporção seria o de achar que os Surdos se expressam da mesma forma a todo momento. As línguas de sinais, assim como qualquer outra língua oral, possuem características próprias nos sinais em si e na forma da sinalização (considere-se aqui o sotaque, ritmização da fala, escolha vocabular, entre outras), além da intencionalidade de uso para expressar-se culturalmente. E entendendo toda sua integralidade como língua e também complexidade/estranhamento frente aos não usuários desta, outro mito comumente idealizado é o de impossibilidade de expressar-se abstratamente. Gesser (2009) argumenta que, ao pressupor que não se consegue expressar ideias ou conceitos abstratos em sinais, é o mesmo que acreditar que esta é limitada, simplificada e que não passaria de mímica. Adeptos à língua sinalizada expressam-se como qualquer outro que utiliza de línguas orais, podendo discutir qualquer conteúdo ou abstrações e transitar livremente por diversos gêneros discursivos.



Variações regionais também se dão pela diversidade dos usuários, da faixa etária, do grau de instrução, formalidade/intimidade dos falantes, vocabulário técnico de dada área do conhecimento, entre outras situações de intencionalidade e temporalidade a serem relevados. E mais sinais/vocábulo sofrem mutações, criações, bem como novas significações para atendimento de uma necessidade/adequação aos seus diversos contextos de produção.

Além de todas as variações linguísticas possíveis, cabe salientar que, assim como na língua oral, existe a valoração social de formas mais prestigiosas de expressão, representadas pela norma culta. A Libras, então, mesmo tendo uma modalidade diferente (visuoespacial), tem diversas variações como empréstimos linguísticos de outras línguas (de sinais e orais) e modalidades formais e informais.

## 1.6 Parâmetros Gramaticais da Libras

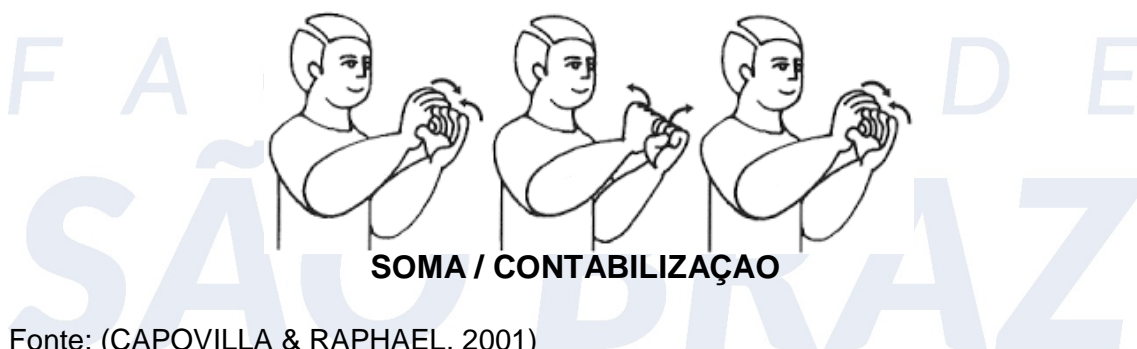
Da complexidade idiomática – seja em modalidade oral-auditiva ou visuoespacial, os sistemas linguísticos são estruturados gramaticalmente em níveis de análise. Sem pretensões de esgotamento e adequando a nossa disciplina introdutória à língua de sinais da comunidade Surda nacional, consideremos a construção dos sinais a partir dos parâmetros gramaticais da Libras, sendo eles elencados por Stokoe (1960) como três componentes estruturais dos sinais: Configuração de mão, Locação ou Ponto de Articulação e Movimento; e além desses postos, evidenciasse a Orientação de Mão/Direcionalidade e as Expressões igualmente importantes na sinalização.

- **Configuração de Mão:** são as formas em que as mãos assumem na realização do sinal. Os sinais podem ser realizados com uma ou ambas as mãos – a depender do vocábulo, e também indefere no sentido de com qual mão utilizar. Por questões de confortabilidade, sinalizantes destros sinalizam predominantemente com a mão direita, mas os sinais podem ser realizados sem perda de sentido por qualquer uma das mãos.



Fonte: <https://clubelibras.files.wordpress.com/2014/08/mc3a3oe-em-flor.jpg>

- **Locação ou Ponto de Articulação:** refere-se ao espaço de realização do sinal que varia entre o corpo do sinalizador e o espaço neutro (espaço à frente sem ter contato com o corpo).



Fonte: (CAPOVILLA & RAPHAEL, 2001)

- **Movimento:** é o deslocamento das mãos configuradas no espaço.



Fonte: (CAPOVILLA & RAPHAEL, 2001)

- **Direcionalidade/orientação de mão:** refere-se à direção a qual as mãos têm na realização do sinal.
- **Expressões faciais e corporais:** este parâmetro faz-se muito significativo ao utilizarmos uma língua visual. É por meio dele que será evidenciado a intencionalidade do meu enunciado já que, nas línguas sinalizadas, não temos a variação tonal existente nas línguas orais quando aumentarmos nosso tom de voz sob a perspectiva de um descontentamento com algo/situação vivenciada.



Fonte: <http://genttesa.jor.br/wp-content/uploads/2018/06/497e0061-d5ef-49a1-a34b-524a6da2c678-360x200.png>

Ainda sobre a intencionalidade do enunciado, a dependência do uso das expressões se faz concreta. Ao realizar o sinal feliz/felicidade em um contexto de comunicação comum cotidiano, utilizando a expressão facial e corporal característica de desânimo/tristeza, temos a interpretação de que não há sentido real transmitido pelo vocábulo. A coerência no uso da expressão ao sinal empregado designará os rumos de intenção comunicacional.

## Resumo da aula 1

Nesta aula foi possível conhecer a Libras e sua legislação; língua que tem estrutura gramatical própria com *status* de língua oficial, sendo justificada por usuários dotados de direito a expressar-se de forma diferente da oral-auditiva. O Brasil é um país bilíngue e os Surdos, aqui descritos com letra maiúscula, utilizam-se dessa nomenclatura a fim de reforçar sua cultura e identidade própria como comunidade consolidada.

## Atividade de Aprendizagem



De uma língua oficializada a uma comunidade Surda consolidada, busque alguns exemplos de personagens históricos que contribuíram e são referência para o panorama atual de difusão da língua de sinais e de fortalecimento da comunidade.

## Aula 2 – A prática da Libras

### Apresentação da aula 2

Nesta aula serão apresentados dois momentos relacionados à prática de Libras, segundo as suas características particulares. Nesse sentido, serão contempladas questões teóricas referentes à língua e, paralelamente, serão sugeridos exercícios práticos. Assim, será possível ao aluno acompanhar e vivenciar na prática os conteúdos, retomando quantas vezes quiser cada um dos sinais aprendidos. O tema desta etapa de estudos inclui a formação de frases em Libras, cumprimentos, saudações e tempo cronológico. Não deixe de treinar cada um deles – seja frente ao espelho ou com colegas – procurando contextualizá-los, a fim de fazer desse aprendizado um hábito de comunicação natural.

## 2.1 Imagem, significado e contexto

Ao introduzir a Libras, não se pode perder de vista as relações entre imagem, significado e contexto que permeiam as mais diversas situações de discurso. Nesse sentido, para contar histórias e construir a sua cultura, os surdos utilizam classificadores, expressões faciais e corporais – recursos da língua de sinais que apresentam grande apelo visual. Assim, ressalta-se que a leitura das mãos deve ser realizada a partir dos movimentos integrais que são realizados, e não fragmentada letra por letra.



**Imagem, significado e contexto - contação de história em Libras**

Fonte: <https://extranet.frsp.org/noticias/img.ashx?im=E8493F5999DCD296632F0B01F37652C5.jpg>

## Vídeo



O filme *A Família Bélier* apresenta a história de Paula, intérprete nas situações diárias de seus pais e irmãos, todos eles surdos. Ao longo do filme, um professor de música descobre o talento musical da menina e a anima para que participe de um prestigioso concurso musical em Paris, que lhe dará acesso seguro a uma boa carreira e aos estudos universitários. No entanto, esta decisão significa deixar para trás a sua família e lidar com a incompreensão dos pais. Uma cena essencial do filme está disponível no acesso: [https://www.youtube.com/watch?v=MZLmpWV\\_T\\_E](https://www.youtube.com/watch?v=MZLmpWV_T_E)



## 2.2 Formação de frases

Para formular frases em Libras, dispõe-se de marcadores não manuais, responsáveis por indicar se as sentenças são afirmativas, negativas, interrogativas, exclamativas ou imperativas.

Nesse sentido, um aspecto importante a ser considerado é que na Língua Brasileira de Sinais não se utilizam artigos, preposições e conjunções, pelo fato de que esses conectivos já se apresentam incorporados aos sinais.

## 2.3 Estrutura de frases em Libras

É necessária a compreensão de que Libras não é a repetição de palavra por palavra da língua portuguesa.

De forma geral, no português, as frases seguem a ordem:

Sujeito ➡ Verbo ➡ Objeto (SVO)

Na língua de sinais pode-se seguir essa mesma ordem, mas, conforme exposto anteriormente, não se usam os conectivos (pronome, conjunções, preposições).

Para Quadros e Karnopp (2004), a ordenação mais básica na língua de sinais também é a **SVO**. Porém, podemos encontrar outras ordens, dentre as quais:

Objeto ➡ Sujeito ➡ Verbo (OSV)

Sujeito ➡ Objeto ➡ Verbo (SOV)

As ordenações (OSV e SOV) são alteradas pela presença do tópico, que é “o tema do discurso que apresenta uma ênfase especial, posicionado no início da frase e seguido de comentário a respeito desse tema” (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 148).

LIBRAS	PORTUGUÊS
ELE CURITIBA VAI.	Ele vai para Curitiba.
FLOR MENINA GOSTA	A menina gosta de flor.

Fonte: Elaborado pelo DI (2018).



Com relação ao ensino da língua portuguesa para o aluno que está aprendendo Libras ou já a domina, faz-se importante enfatizar as diferenças de colocação do sujeito e do verbo (pois a LIBRAS organiza o contexto de forma diferente em relação às regras de Língua Portuguesa).

Faz-se importante o esclarecimento de que na frase ELE CURITIBA VAI, tem-se a ordem SOV, e na frase FLOR MENINA GOSTA tem-se a ordem OSV, isto significa que em ELE CURITIBA VAI, o tópico é o sujeito ELE e que na frase FLOR MENINA GOSTA, o tópico é o objeto FLOR.

Vale reforçar que tem-se os advérbios que, normalmente, vêm no início da frase, mas que também podem vir no final (QUADROS; KARNOPP, 2004. p.143).

Abaixo, apresenta-se a diferença entre estes pronomes que em LIBRAS não têm gênero:

PRONOMES DEMONSTRATIVOS					
Pessoas	Variáveis				Invariáveis
	Masculino		Feminino		
	Singular	Plural	Singular	Plural	
1ª	este	estes	Esta	estas	Isto
2ª	esse	esses	Essa	essas	Isso
3ª	aquele	aqueles	aquela	aquelas	aquilo

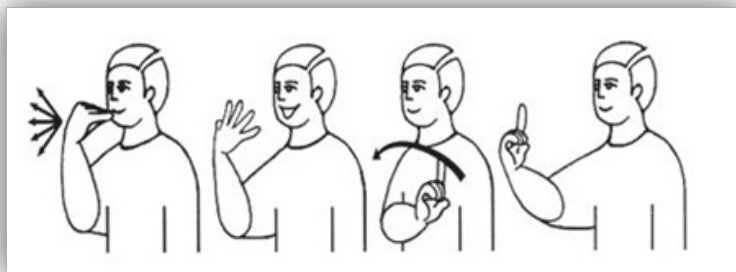
Fonte: <http://www.infoescola.com/portugues/pronome-demonstrativo/>

## 2.4 Cumprimentos e temporalidade

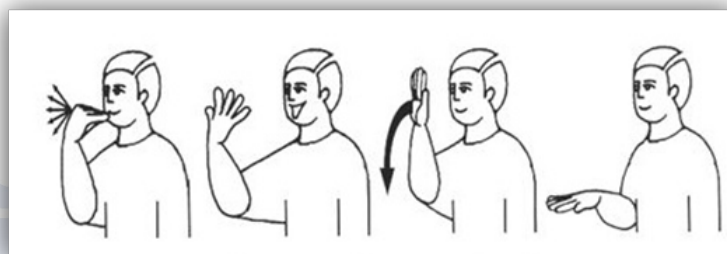
Nesse momento serão apresentadas algumas frases e palavras cotidianas relacionadas ao vocabulário de Libras, envolvendo saudações e

relações de temporalidade. Nesse sentido, visualize as figuras abaixo, envolvendo a temporalidade e procure treinar a sua sinalização em frente ao espelho ou junto a um colega. É necessário ressaltar, aqui, que somente a prática levará à fluência do novo idioma a ser aprendido.

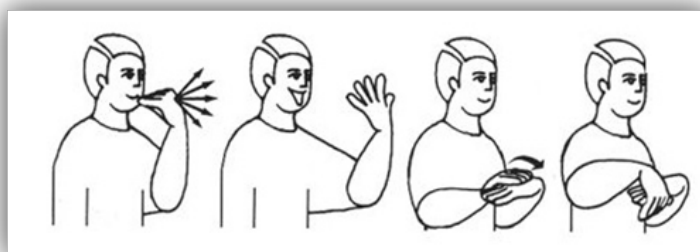
A seguir, apresentam-se exemplos de cumprimentos em Libras:



**Bom dia!**



**Boa tarde!**



**Boa noite!**

Fonte: (CAPOVILLA & RAPHAEL, 2001)

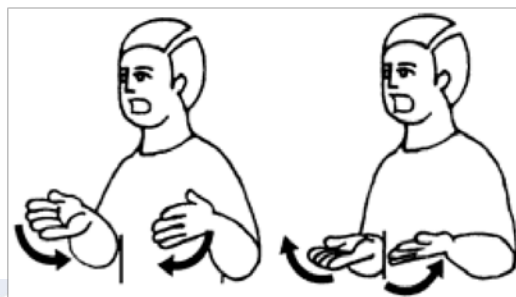
A noção de temporalidade também pode ser verificada pelos sinais que indicam a percepção do tempo cronológico. Nesse sentido, se a ação está correndo no presente, utilizam-se os sinais *HOJE* ou *AGORA*, se ocorreu no



passado, utilizam-se os sinais *ONTEM* e *ANTEONTEM* e, para o que irá ocorrer no futuro, utiliza-se o sinal de *AMANHÃ*. Conforme:



**HOJE**



**AGORA**



**ONTEM**



**ANTEONTEM**

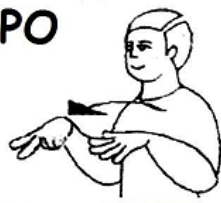


**AMANHÃ**

Fonte: (CAPOVILLA & RAPHAEL, 2001)

Os dias da semana também apresentam representações bastante particulares em Libras:

## TEMPO



SEMANA



SEGUNDA-FEIRA



TERÇA-FEIRA



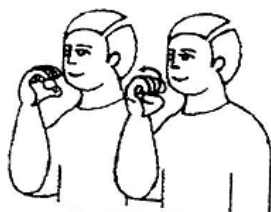
QUARTA-FEIRA



QUINTA-FEIRA



SEXTA-FEIRA



SÁBADO



DOMINGO

Fonte: (CAPOVILLA & RAPHAEL, 2001)

Os meses do ano são parte essencial do vocabulário de Libras, pois contextualizam as relações de temporalidade entre os indivíduos:



JANEIRO



FEVEREIRO



MARÇO



ABRIL



MAIO



JUNHO



JULHO



AGOSTO



SETEMBRO



OUTUBRO



NOVEMBRO



DEZEMBRO

Fonte: (CAPOVILLA & RAPHAEL, 2001)

## Converse Com Seus Colegas



Agora que você já conhece o alfabeto manual da Libras, alguns cumprimentos, os dias da semana e os meses do ano, procure treinar junto com seus colegas cumprimentos e pequenas apresentações pessoais.

Verifica-se que os conceitos apresentados nesta aula são fundamentais para o restante do curso, pois, a partir destes, serão aprofundados vários conhecimentos que servirão de base para a aprendizagem da Libras,

aperfeiçoando a coordenação motora manual, com vistas à maior fluência possível.

## Vídeo



O filme *O milagre de Anne Sullivan*, baseado no livro autobiográfico *Story of my life*, de Helen Keller, relata a história de uma menina surdacega e de sua professora, contemplando as relações com o limite da deficiência, ensino-aprendizagem, relações humanas e superação. Assista ao trailer em: <https://www.youtube.com/watch?v=1wSoWJarZJU>

## Amplie Seus Estudos



### SUGESTÃO DE LEITURA



O livro *Libras: Que língua é essa?*, de autoria da linguista Audrei Gesser, é o primeiro livro autoral nesta perspectiva inclusiva publicado no Brasil, na área da Linguística Aplicada. O livro contém um conjunto de artigos que esboçam possíveis respostas às perguntas relacionadas aos três assuntos principais que o norteiam: "A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)", "O surdo" e "A surdez".

### Resumo da aula 2

Nesta aula foi possível praticar os vocabulários relacionados a cumprimentos, temporalidade e a formação de frases em libras. Assim, ao encontrar com um Surdo, agora você já pode começar a dialogar. Vale argumentar ainda que o processo de aquisição do idioma advém do empenho e do contato com os usuários da língua. Nesse sentido, recomenda-se o envolvimento com a comunidade Surda – além de novos amigos, seu aprendizado e sua fluência se darão de forma mais facilitada e prazerosa.

# Atividade de Aprendizagem



A fim de agregar novos sinais e que você tenha o estímulo de praticar a sinalização, siga esse roteiro de perguntas respondendo em sinais a cada uma delas. Se necessário, volte no seu material de apoio e busque novas referências também:

- Qual o seu nome?
- Em que mês é o seu aniversário?
- Bom dia!
- Boa tarde!
- Boa noite!

## **Aula 3 – Abordagens educacionais da Educação de Surdos e a comunicação atual**

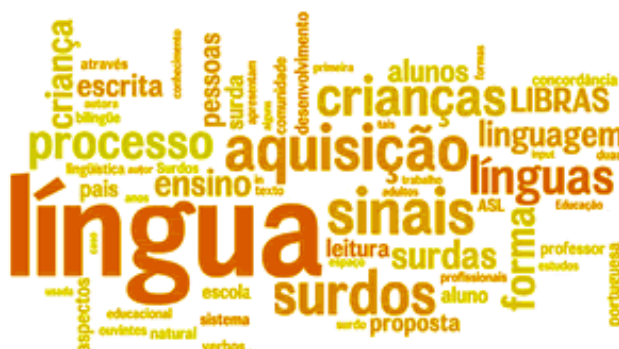
### **Apresentação da aula 3**

Nesta aula, o enfoque será no contexto da história da educação formal dos Surdos e do seu reconhecimento como comunidade mobilizada. Novos conceitos serão agregados para ampliação do repertório inclusivo de respeito à diversidade e reflexão acerca dos tipos de abordagens educacionais empregadas, com seus objetivos e intencionalidades, incluindo dicas para uma comunicação assertiva com a pessoa Surda.

### **3.1 A Educação de Surdos**

Refletindo sobre a oficialização da língua sinalizada brasileira, esse registro e legitimação formal traz junto com ela toda uma comunidade que a utiliza como forma de expressão principal; e não apenas pelo ato comunicativo em si, mas por entender a língua de sinais realmente como língua, o que dá ao Surdo um *status* de pessoa dotada de inteligência e capaz de exprimir seus pensamentos utilizando um idioma do qual tem a especificidade apenas de sua modalidade ser viso-espacial. As pesquisas e as formas de abordagem educacionais também ganham com isso. A história da educação de Surdos

apresenta abordagens metodológicas específicas e é a partir dela que se inicia a reflexão sobre a importância da discussão da temática e sobre maneiras de se pensar a deficiência, mas em especial, dentro do contexto escolar inclusivo.



Fonte: <https://www.avp.pro.br/pluginfile.php/411/course/section/130/LINGUA.gif>

Os Surdos em sua história viveram e vivem diversos desafios, mas também desfrutaram de várias conquistas. Suas lutas para garantir o direito a uma educação de qualidade, sua inserção dentro da sociedade desigual, a superação do preconceito relacionado à sua deficiência, a desmistificação e a desrotulação de que o indivíduo Surdo não é capaz de aprender, dentre outras situações. Tudo isso é significativo para o entendimento deste contexto social no qual todos estamos inseridos.

A forma com que a surdez foi concebida historicamente é bastante relevante. Não somente a surdez, mas qualquer deficiência foi relegada desde a Grécia antiga, visto que tantas outras civilizações consideravam a surdez como um castigo divino. Com o passar dos anos, as crenças começaram a ser substituídas por descobertas médicas e avanços tecnológicos, o que favoreceu essa visão tão enraizada na nossa cultura do discurso de que se o Surdo não fosse curado daquela “doença”, ele não poderia viver em sociedade gozando de plenos direitos como igual que é.

Houve um tempo ainda em que as línguas de sinais foram proibidas e a forma de expressão oral foi superestimada. O método oralista de ensino, que será apresentado em tópico futuro neste documento, influenciou consideravelmente a história dos Surdos.

Em 1880, os opostos educacionais, língua de sinais e oralismo têm sua força aumentada. Nesse ano realizou-se na cidade de Milão (Itália) o Congresso



Internacional de Professores de Surdos, com o objetivo de discutir os métodos utilizados na educação de pessoas Surdas. O encontro foi organizado, patrocinado e conduzido por especialistas ouvintistas (defensores do oralismo) que, obviamente, estavam decididos a apoiar essa metodologia antes mesmo do início do evento (PERLIN; STROBEL, 2006).

## Saiba Mais



O chamado Congresso de Milão foi um evento determinante na trajetória educacional dos Surdos quanto ao uso da língua de sinais no mundo todo. Aprofunde seus conhecimentos lendo mais sobre o assunto, por meio do *link*:  
<https://culturasurda.net/congresso-de-milao/>

Como reflexão a isto, cabe a percepção de que o não uso da língua de sinais durante todo esse tempo refletiu em sujeitos Surdos submissos a práticas ouvintistas, perdendo o sentido de pertencimento a um grupo específico e de direitos, negando sua própria identidade em favor da cultura de outrem, o que é de veras importante, sabendo que com uma comunidade enfraquecida, inviabiliza-se mudanças e transformações tão necessárias no cotidiano. Lutas fizeram e ainda se fazem necessárias, com isso a visibilidade passou a ser palavra de ordem.

## Importante



Ficar atento para não fazer generalizações quanto aos Surdos. Todos têm particularidades inerentes a condição humana.



### 3.2 A luta dos Surdos – Em busca do reconhecimento

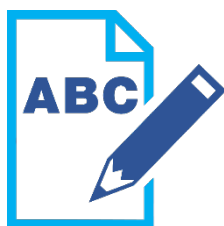


Fonte: <https://proincluir.org/wp-content/themes/incluir/assets/modules/surdez/cultura-surda/img/13.jpg>

A luta dos Surdos para a conquista dos seus direitos educacionais e sociais deu-se a base de protestos e manifestações, por intermédio de pessoas que acreditavam no potencial de aprendizado da pessoa Surda, buscando uma educação de qualidade para eles, bem como a inserção efetiva desses indivíduos na sociedade.

A comunidade Surda, representada por líderes Surdos engajados a uma busca incessante por igualdade e reconhecimento de direitos, organiza-se de forma expressiva. O **Movimento Surdo** tem sua mobilização com aportes teóricos fundamentados para a reversibilidade de discursos e práticas dominantes opressivas para esse grupo.

## Vocabulário



**Movimento Surdo:** conceito denominado por estudos socioantropológicos do movimento social, que tem por objetivo a denúncia da opressão imposta aos Surdos, historicamente e a busca pelo reconhecimento das diferenças também no âmbito político.

Fernandes (2012) argumenta que o principal objetivo desse enfrentamento, aqui denominado Movimento Surdo, é demonstrar que a incapacidade de ouvir não pode determinar o sujeito. É uma especificidade sim, mas de cunho secundário a todas as possibilidades e estabelecimento de vínculos com a

realidade social, utilizando-se de uma comunicação visual, sendo que a marca simbólica de tudo isto é a comunicação por meio da língua de sinais. A forma de comunicação visual tem o mesmo valor e significação cognitiva do que uma comunicação oral-auditiva, tendo os mesmos elementos simbólicos necessários para o desenvolvimento das funções psíquicas superiores (memória, raciocínio lógico, formação e generalização de conceitos, dentre outros) e negar o acesso disto é assumir que poderá ter prejuízos quanto ao seu desenvolvimento cognitivo.

Fernandes (2012) reforça que:

É sabido que pela experiência visual é que os surdos constroem conhecimento. Esse canal sensorial é a porta de entrada para o processamento cognitivo e deve ser explorado em todas as suas possibilidades, a fim de que elementos da realidade possam ser representados por símbolos visuais. Sendo assim, as atividades de leitura em segunda língua para aprendizes surdos, principalmente na fase inicial, devem ser contextualizadas em referenciais visuais que lhes permitam uma compreensão prévia do tema implicado, de modo que esse conhecimento seja mobilizado no processo de leitura propriamente dita. A leitura de imagens conduzirá o processo de reflexão e de inferências sobre a leitura da palavra. Em um primeiro momento é necessário que o aluno visualize o texto como um conjunto composto de linguagem verbal e não-verbal e realize associações entre ambas as linguagens para a constituição de seus sentidos. (FERNANDES, 2012, p. 151).

Segundo Skliar (1997) *apud* Fernandes (2012):

[...] dentro do discurso clínicoterapêutico, que assenta suas bases ideológicas sob a ótica da surdez estritamente relacionada com a patologia e com o déficit biológico, carente de métodos reabilitadores e de tratamento terapêutico, que se reverteram, pedagogicamente, em estratégias de índole reparadora e corretiva. Como decorrência de tal ponto de vista, estabeleceu-se uma identidade absoluta entre linguagem e fala, o que acarretaria, como interpretação inevitável, a ideia de que o déficit cognitivo seria diretamente proporcional à falta de audição, e a pessoa surda teria seu desenvolvimento intelectual condicionado às experiências desenvolvidas através da oralidade. (FERNANDES, 2012, p.11).

A singularidade precisa ser discutida, principalmente no âmbito educacional. A postura do professor, em especial, fará a diferença na emancipação desse aluno com surdez será mediador para a construção de um sujeito dotado de conhecimentos prévios e protagonista crítico como ser social da sua própria história. Uma inclusão do Surdo dentro de uma turma de ensino

regular pode ser muito prejudicial se a deficiência na audição for o foco da relação de ensino e esquecendo-se do sujeito singular que é.

Das práticas pedagógicas, cabe uma sensibilização e alteração na postura dos profissionais e demais participantes da comunidade escolar sobre os objetivos, metodologias e avaliações, visando uma adequação ao público atendido.

### **3.3 Das abordagens educacionais**

A reprodução do transcorrido socialmente reflete nas práticas formais escolares. Propostas educacionais direcionadas para atendimento a especificidades da surdez surgem com diferentes objetivos e intencionalidades no decorrer histórico. Pensando a partir disto, especificamente na efetivação do ato educativo, destacam-se três modelos educacionais na educação formal dos Surdos, a saber: o Oralismo, a Comunicação Total e o Bilinguismo.



Fonte: [https://plenarinho.leg.br/wpcontent/uploads/2018/06/destaque\\_menino\\_fazendo\\_libras.jpg](https://plenarinho.leg.br/wpcontent/uploads/2018/06/destaque_menino_fazendo_libras.jpg)

#### **3.3.1 O Oralismo**

O Congresso de Milão ocorrido em 1880 foi determinante para os sinalizantes e para todos os comprometidos com a escolarização dos Surdos naquela época. Após o evento, quando culminou na expurgação da língua de sinais de dentro as escolas, a modalidade oralista predomina no ensino das crianças Surdas, tendo muito intrínseco um caráter clínico de reabilitação da surdez e da fala.

# Para Refletir



Qual a função social da escola? Será a de reabilitação clínica da fala? Será que a escola é o espaço adequado para se fazer essa intervenção de cunho médico reabilitativo, que era almejado naquela época?

O método oralista de ensino tinha como principal objetivo fazer com que o Surdo falasse, daí sua nomenclatura. Que desenvolvesse sua competência linguística oral para que posteriormente se inserisse na sociedade dita como produtiva, inalcançável aos que não se comunicavam sob esse canal de comunicação utilizado majoritariamente. Só que o mesmo não conseguia dar garantias de sua eficácia, dado as singularidades dos indivíduos com maior ou menor resquício auditivo, particularidades quando ao estímulo familiar e tantas outras influências externas determinantes num contexto de desenvolvimento cognitivo.

O modelo oralista entende que a língua de sinais seria prejudicial ao sujeito e que, se ele continuasse fazendo uso dela para comunicar-se, o aprendizado da fala nunca seria satisfatório. Considerando que a língua de sinais seria um meio mais fácil de se comunicar, mas não seria o meio socialmente aceitável de padrão de normalidade, deveria ser evitada a todo custo, pois atrapalharia o desenvolvimento da oralização do sujeito (PERLIN; STROBEL, 2008). E sob essa perspectiva de ideal de sujeito, alunos Surdos eram obrigados a aprender a falar, sendo expressamente proibidos a utilizar qualquer forma de comunicação sinalizada. Por tempos, impôs-se o método oralista na educação dos Surdos e isso não foi garantia para que se desenvolvessem de forma satisfatória. A abordagem desconsiderava contextualidades e demais adendos importantes para a comunicação em relação ao desenvolvimento integral do ser humano.

Houve a crise séria entre a cultura surda e a educação, pois ao percorrer a trajetória histórica do povo surdo e suas diferentes representações sociais vemos os domínios do ouvintismo relativos a qualquer situação relacionada à vida social e educacional dos sujeitos surdos. Houve fracassos na educação de surdos devido à predominância do oralismo puro na forma de ouvintismo, entretanto, em últimos 20 anos começaram perceber que os povos surdos

poderiam ser educados através da língua dos sinais. A votação de Congresso de Milão provocou um 'rombo' que ocasionou a queda de educação de surdos e agora os povos surdos estão criando forças e animo para levantarem-se e lutarem pelos seus direitos a educação. Entretanto, isto não significou a banimento dos métodos oralistas, que continuaram a ser utilizados até hoje, mas a língua de sinais, cultura e identidade surda ganharam mais potência e sendo mais valorizada. A proibição da língua de sinais por mais de 100 anos sempre esteve viva nas mentes dos povos surdos até hoje, no entanto, agora o desafio para o povo surdo é construir uma nova história cultural, com o reconhecimento e o respeito das diferenças, valorização de sua língua, a emancipação dos sujeitos surdos de todas as formas de opressão ouvintistas e seu livre desenvolvimento espontâneo de identidade cultural!

[...]

A modalidade oralista baseia-se na crença de que é a única forma desejável de comunicação para o sujeito surdo, e a língua de sinais deve ser evitada a todo custo porque atrapalha o desenvolvimento da oralização.

[...]

Tem muitos métodos orais diferentes na educação com os surdos, 'o oralismo' é um dos recursos que usa o treinamento de fala, leitura labial, e outros, este recurso é usada dentro das metodologias orais, entre eles, o 'verbotonal', 'oral modelo' 'materno reflexivo', 'perdoncini' e entre outros. Essa concepção de educação enquadra-se no modelo clínico, esta visão afirma a importância da integração dos sujeitos surdos na comunidade de ouvintes e que para isto possa ocorrer-se o sujeito surdo deve oralizar bem fazendo uma reabilitação de fala em direção à "normalidade" exigida pela sociedade. (PERLIN, STROBEL, 2008, p. 7-12)



Fonte: <https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcTOq1laa-XW32ofapa8N6aROyKF893Lkc-X1iAyG2Zxt44I3h63Fw>

Linguista referência nos estudos da área da surdez e aquisição de linguagem, Fernando Capovilla, no ano de 2000, descreve outra perspectiva ainda do Surdo passou por esse método, dizendo que os objetivos dessa

abordagem, apesar de suas intenções de integração social do sujeito, em termos de desenvolvimento da fala, apenas um pequeno percentual daqueles que perderam a audição precocemente consegue falar de modo suficiente inteligível e audível a terceiros.

## Vídeo



*E Seu Nome é Jonas*



O filme *E seu nome é Jonas*, de Richard Michaels, apresenta a história de uma criança surda que, por um diagnóstico errôneo, foi atendida como deficiência intelectual, e não auditiva. Por insistência e interesse de sua mãe, o menino começou a ser escolarizado pelo método oralista que só fez com que agravasse situações de agressividade e não sociabilidade. Ao ter contato com a língua de sinais, novas perspectivas de comunicação possibilitaram ao menino Jonas formas de conviver e socializar nos variados contextos, como no pessoal familiar, educacional e social como um todo. Mostra, por mais antigo que tenha sido filmado, a realidade de muitos surdos nascidos em famílias ouvintes não sinalizantes também nos dias de hoje de concepções para refletir de como o surdo e a surdez são vistos.

Posteriormente, devido ao fracasso evidente do método oralista e o desenvolvimento de pesquisas sobre línguas de sinais em meados dos anos 60, surge uma nova configuração na comunicação e novas propostas pedagógico-educacionais de associação entre língua de sinais e a oralização, denominado como Comunicação Total e que veremos no tópico a seguir.

### 3.3.2 A Comunicação Total

Devido à clara ineficácia do método de ensino anterior que não supria lacunas de desenvolvimento linguístico nem de apropriação cultural, a Comunicação Total (CT) foi a filosofia educacional empregada, mas que também não garantia sujeitos emancipados ao final do período de escolarização.





Fonte: [https://img.desmotivaciones.es/201103/grito2\\_1.jpg](https://img.desmotivaciones.es/201103/grito2_1.jpg)

A abordagem aparece com níveis de aceitação do uso das línguas de sinais, mas seu objetivo final ainda seria a reabilitação do indivíduo Surdo, com resquícios fortes ainda do oralismo em suas práticas de ensino. A CT favorece o contato com a língua sinalizada, mas não a entende como a língua própria do Surdo e não a legitima dentro do processo de aprendizagem e desenvolvimento desse indivíduo. Nela, utiliza-se toda e qualquer forma de expressão comunicacional, como gestos, mímicas, fala, leitura orofacial, escrita, expressões faciais e corporais, apontamentos e até a própria língua de sinais do país.

Sobre a eficácia de uma mistura de recursos linguísticos, salienta Goldfeld (1997 *apud* Rodrigues 2010) que a Comunicação Total considera o contexto onde o Surdo está inserido, mas é superficial quanto ao repasse de conceitos mais complexos. Autores apontam que o modelo não teria fundamentação teórica nem padronização, não favorecendo um desenvolvimento integral do sujeito histórico.

A produção linguística baseia-se na língua falada, por mais que o sujeito faça uso de sinais para comunicar-se em sala de aula, a ordem de produção segue os princípios da língua oral. O valor dos métodos dentro da CT não pode ser negado, mas a conciliação e uso simultâneo das duas línguas nunca foi o ideal devido à natureza extremamente distinta da língua de sinais (CAPOVILLA, 2000).

Perspectivas cognitivas de aprendizado anteriormente relegadas, a Comunicação Total colocava em vigor uma discussão de valoração e de importância do não foco essencialmente na surdez, e sim atenção ao processo de escolarização particular do Surdo. Uma alternativa de comunicação, admitindo-se não supridora de todas as demandas advindas do processo de escolarização formal, e por isso não um modelo ideal de ensino formador de sujeitos sociais para atuação crítica frente a necessárias mudanças.

Estudos advieram concomitantes ao método da Comunicação Total. O Movimento Surdo adquiriu notoriedade como um todo, propiciando novas perspectivas com relação a abordagem empregada no âmbito escolar, ganhando forma uma nova filosofia: o Bilinguismo.

### 3.3.3 O Bilinguismo



Fonte: [https://i.ytimg.com/vi/HHMAa-LC-\\_Y/maxresdefault.jpg](https://i.ytimg.com/vi/HHMAa-LC-_Y/maxresdefault.jpg)

A abordagem educacional bilíngue vem como uma perspectiva de respeito ao sujeito Surdo. Percepção clara não só da surdez no aspecto biológico, mas da responsabilidade do processo de escolarização como o de construção de um ser social; e que, independente da sua capacidade de ouvir, deve ter acesso a toda uma especificidade de ensino que se adapte à sua condição e, como consequência, ter seu desenvolvimento potencial cognitivo considerado e estimulado.

A mesma essencialmente respeita a diversidade e a identidade cultural de um povo e propõe o contato/ensino das duas línguas (a de sinais e a usada pela comunidade social na modalidade escrita) dentro de um mesmo contexto escolar.



A oportunização do Surdo desenvolver-se cognitivamente em um primeiro momento em língua de sinais, considerando sua natureza viso-espacial de percepção e aprendizado a partir do canal visual e, em um segundo momento, do indivíduo aprender a língua do grupo ouvinte majoritário do qual pertence socialmente. Cabe salientar aqui também os ganhos de uma exposição precoce da criança Surda à língua sinalizada e aos seus usuários fluentes. Assim como crianças ouvintes que são estimuladas constantemente por sons/enunciados ao redor, crianças Surdas no processo de aquisição de língua também se fazem ávidas por novas descobertas em sua língua aqui entendida como natural. A língua sinalizada a ser compreendida como primeira língua estaria sempre à frente do segundo idioma, e o aprendizado dessa segunda língua aconteceria sobre uma competência linguística embasada, no caso, a de sinais.

A abordagem bilíngue não se resume ao processo de aquisição de idiomas simultaneamente. Admite-se aqui uma perspectiva de respeito cultural e de produção dos seus usuários, compreensão das diferenciações estruturais gramaticas e demandas políticas constantes dos mais variados âmbitos cotidianos, não fixando o olhar apenas para o espaço escolar – por mais complexo que seja. Dá credibilidade ao movimento, fortalece a luta da comunidade Surda e ganha notoriedade cultural.

Atualmente o cenário vivenciado quanto às escolas bilíngues ainda tem muito para ser trilhado, mas as conquistas – principalmente no âmbito político precisam ser enaltecidas. A busca incessante pela “cura” é colocada em segundo plano dentro dessa perspectiva cultural de ensino em troca do enaltecimento do aluno, das suas potencialidades e perspectivas que até pouco tempo eram inviáveis ou a custos altíssimos com relação à identidade como sujeito.

Uma vez instrumentalizado, o sujeito detentor de língua e identidade cultural compreende-se como produtor de conhecimentos e também como um ser social, autônomo, crítico, emancipado, e não subjugado intelectualmente.

### **3.4 A boa comunicação**

Visto toda uma perspectiva de educação formal do Surdo, é possível voltar ao cotidiano de enfrentamento comunicacional, compreendendo que a

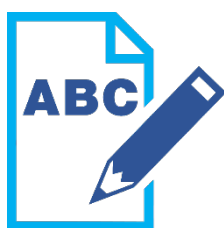
sociedade em geral são agentes inclusivos e uma boa comunicação se faz necessária em todos os âmbitos.

Um processo de comunicação se dá efetivamente quando ambos se entendem, e conversar com uma pessoa Surda requer uma atenção diferenciada sob alguns aspectos e posturas que não teríamos dentro de uma cultura comunicacional oral-auditiva em um contexto de conhecimento da língua de sinais. Veloso e Maia (2009) contribuem pontuando algumas dicas de comunicação que, em muitas, nos parece até de obviedade de compreensão, mas que passam despercebidas e influenciam diretamente neste processo:

- Fale de frente, claramente e pausadamente com o Surdo. Uma boa articulação dos lábios facilita a comunicação;
- A leitura labial se torna mais difícil se você gesticula muito ou tem qualquer objeto frente aos lábios;
- Ambiente claro e boa visibilidade são importantes para um bom entendimento. Evite ficar contra a luz (como de uma janela por exemplo), a fim de facilitar a visualização das suas expressões;
- Não é preciso gritar. Fale em tom de voz normal;
- O Surdo não pode perceber mudanças de tom ou emoções por meio da voz;
- É preciso ser expressivo para demonstrar seus sentimentos;
- Se você não entender o que uma pessoa Surda está falando, não tenha vergonha em perguntar novamente e não perca a paciência;
- Peça sempre para repetir e, se for preciso, escrever. O mais importante é que exista comunicação;
- Em uma hipótese de você estar longe, em nada adianta gritar. Para falar com a pessoa Surda, chame sua atenção acenando ou tocando levemente em seu braço;
- Os avisos visuais são sempre muito úteis para a independência. Na falta deles, o Surdo terá maiores dificuldades; se você souber alguma língua de sinais, tente usá-la. Se a pessoa Surda tiver dificuldade em entender, avisará. De um modo geral, a tentativa será apreciada e estimulada;

- Enquanto estiver conversando, mantenha sempre o contato visual; se você desviar o olhar ou virar-se a pessoa Surda pode achar que a conversa terminou;
- Se tiver dificuldade para compreender o que ela está sinalizando, peça para que repita;
- Quando a pessoa Surda estiver acompanhada de um intérprete dirija-se a pessoa Surda e não ao **Intérprete**.

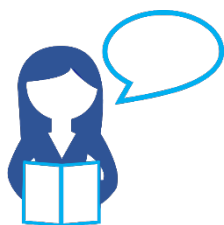
## Vocabulário



**Intérprete:** o TILS – Tradutor Intérprete de Língua de Sinais é o profissional bilíngue habilitado para mediar situações linguísticas e culturais da Língua de Sinais para a Língua Portuguesa e da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais.

Falar de frente, claramente e pausadamente, como vimos em uma das dicas de comunicar-se corretamente, não quer dizer uma pausa expressiva excessiva de cada palavra/enunciado. Articule as palavras de maneira habitual à sua fala, sem “correr” muito, mas também sem lentidão. O diálogo acontece não só com a decodificação de um código proferido por você, mas por todo ato de comunicação que envolve aquela fala.

## Saiba Mais



Apenas no ano de 2010, o Tradutor Intérprete de Língua Brasileira de Sinais teve sua profissão regulamentada por meio da Lei nº 12.319, de 1º de setembro. Nela, foram discriminadas sua competência, formação específica, atribuições e condutas desejáveis para o exercício da profissão. Veja na íntegra o que a legislação comporta em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm)

### Resumo da aula 3

Nesta aula a abordagem sobre a força de uma comunidade e reconhecimento dos percalços educacionais aos quais os Surdos foram submetidos historicamente. Foi possível aprender sobre como melhor se

comunicar com o Surdo, observando as especificidades inerentes à sua não audição, mas principalmente com relação ao respeito e reconhecimento do sujeito dotado de direitos e deveres que é socialmente.

## Atividade de Aprendizagem



Além de uma postura de acessibilidade quanto à comunicação com os Surdos, práticas e tecnologias vêm ao encontro de uma sociedade inclusiva tão almejada. Pesquise e busque saber mais sobre Tecnologias Assistivas, com foco na deficiência auditiva e as consequências e facilidades por elas proporcionadas na vida cotidiana dos Surdos.

### Aula 4 – Alimentos, animais e estrutura de frases

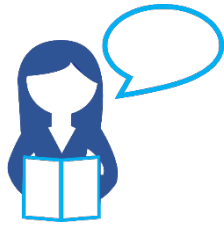
#### Apresentação da aula 4

Nesta aula será possível acompanhar e vivenciar a prática de Libras, por meio da apresentação de vocabulário referente aos animais e aos alimentos. Nesse sentido, ressalta-se que é necessário praticar cada um dos sinais apresentados – seja em frente ao espelho ou junto aos colegas, a fim de fazer desse aprendizado um hábito de comunicação natural.

#### 4.1 Alimentos

Nesta aula serão evidenciados alguns aspectos práticos da Libras. Nesse sentido, trataremos dos alimentos, sempre procurando contextualizá-los à comunicação diária. Deve-se ressaltar que compreender as bases da estrutura gramatical da Libras permite a comparação desta à língua portuguesa e, dessa forma, o falante pode perceber similaridades e diferenças, que levem, a partir das múltiplas experiências, a meios de assimilação dos conteúdos e das palavras, estabelecendo diálogos pertinentes ao domínio da língua que se está adquirindo.

# Saiba Mais



O avanço tecnológico proporcionou inovações em relação à comunicação entre surdos e ouvintes, a partir do desenvolvimento de novos *softwares* e aplicativos que funcionam como tradutores de textos e voz para Libras, sendo, portanto, ferramentas de acessibilidade. Os mais difundidos são: *ProDeaf* e *Hand Talk*.

## Importante



**Sinal:** é o signo linguístico na língua de sinais, o qual contém uma unidade de informação convencionada pela comunidade surda e que serve para comunicar algo a alguém.

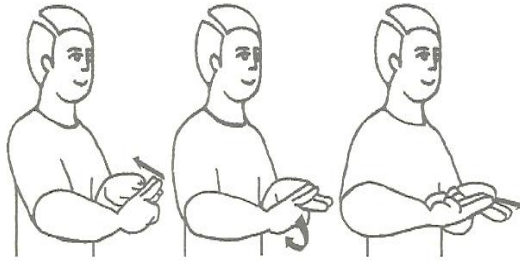
**Gesto:** movimento espontâneo, voluntário ou involuntário, do corpo, especialmente das mãos, braços e cabeça como uma forma de dar ênfase ao discurso na interação comunicativa.

**Mímica:** arte de exprimir os pensamentos e sentimentos, imitar seres e representar objetos, ou seja, comunicar e se fazer entender sem fazer uso da fala, mas por gestos, expressões corporais ou fisionômicas.

Nas figuras abaixo, são apresentados alguns sinais referentes a alguns alimentos, para que você possa praticar sozinho ou junto a colegas:



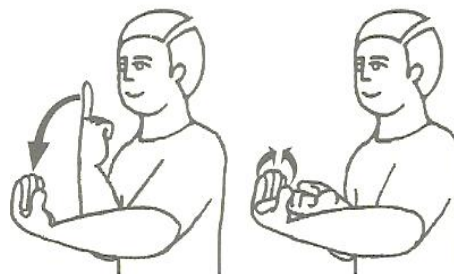
**Doce**



**Chocolate**



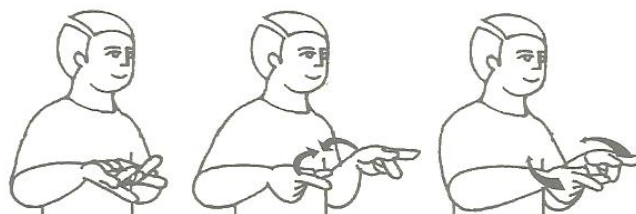
**Gelatina**



**Cachorro-quente**

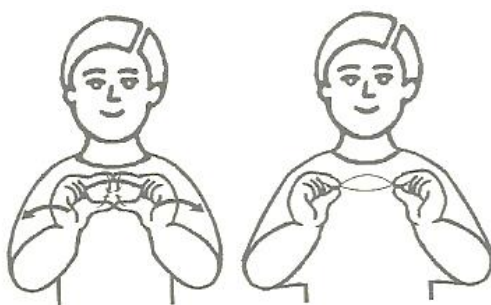


**Pão com manteiga**



**Pizza**





**Pastel**



**Bebidas**

Fonte: (CAPOVILLA & RAPHAEL, 2001)

## 4.2 Animais

Neste momento, é importante ressaltar que a aprendizagem da Libras requer atenção para a forma como os sinais são realizados, pois existem **regras gramaticais** próprias que necessitam ser respeitadas. Assim, alguns detalhes não observados podem mudar completamente o significado da comunicação.

Nas figuras abaixo, verificam-se exemplos de sinalização referentes a alguns animais. Procure praticá-los:



**CACHORRO**





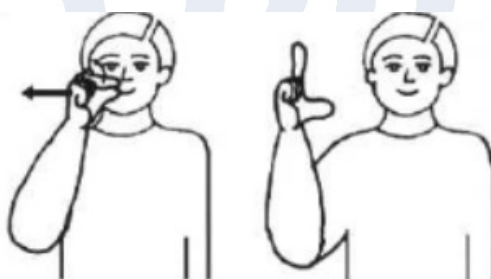
COELHO



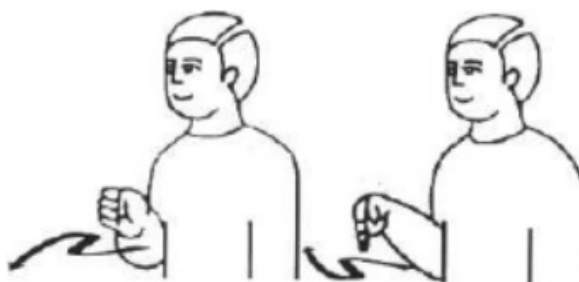
CAVALO



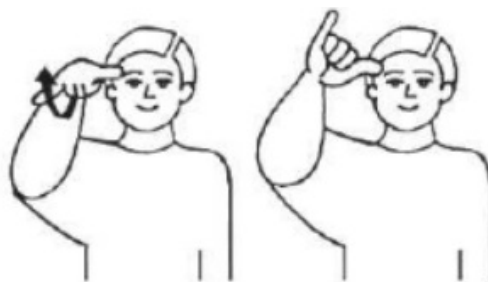
GALINHA



GATO

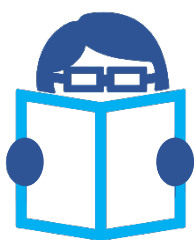


PEIXE

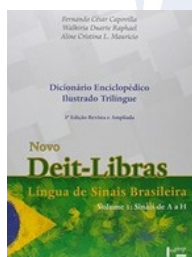


VACA

## Amplie Seus Estudos



### SUGESTÃO DE LEITURA



O *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue – Língua de Sinais Brasileira*, de Fernando Cesar Capovilla e Walkiria D. Raphael, apresenta-se como um instrumento para o resgate da cidadania do deficiente auditivo brasileiro. Nesse sentido, contempla exemplos de uso linguístico de palavras, sinais e gestos, contextualizando-os por meio das ilustrações dos gestos ou sinais e seus correspondentes em inglês e português.

### Resumo da aula 4

Nesta aula contemplou-se a prática dos vocábulos com temática de animais e alimentos, de forma contextualizada ao ato comunicativo em situações do cotidiano. Não deixe de praticar os sinais aprendidos ao longo da disciplina e busque sempre mais conhecimentos quanto às formas de expressão dentro de uma língua visual, praticando em todos os espaços e visando uma fluência do idioma e a inclusão efetiva de usuários naturais da língua.

# Atividade de Aprendizagem

---



Vamos praticar o que aprendemos nesta aula? O roteiro abaixo servirá para que você tenha um ponto de partida para sinalizar. Reveja a videoaula e o material de apoio, busque também outras fontes para que a sua sinalização seja desenvolvida, ampliando o seu repertório vocabular em sinais:

- Você tem algum animal de estimação? Qual seria ele?
- Dê quatro exemplos de animais domésticos.
- Dos vocabulários referentes a alimentos aprendidos hoje, do que você mais gosta de comer?

F A C U L D A D E  
SÃO BRAZ

## **Resumo da disciplina**

Nesta disciplina foram apresentadas algumas particularidades da Libras, referentes ao seu contexto de utilização, ao seu alfabeto manual, aos seus aspectos gramaticais e à sua utilização contextualizada conforme situações do cotidiano. Nesse sentido, também foram contemplados aspectos relacionados às lutas pela inclusão envolvendo a implementação da Libras e a sua adaptação a diferentes comunidades de fala. Em um sentido amplo, foram evidenciados aspectos técnicos e práticos, relacionados à formação de frases e à apresentação de vocabulários básicos relacionados à língua, referentes a cumprimentos, temporalidade, alimentos e animais – indispensáveis a quem deseja dar os primeiros passos para o domínio da comunicação nesta língua.

F A C U L D A D E  
SÃO BRAZ

## Referências

BRASIL. **LEI N. 10.436** de 24 de abr de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Brasília, DF, abr 2002. Disponível em:< [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm)>. Acesso em 20/08/2018.

BISOL, C.A. & VALENTINI, C.B. **Adaptações... mudanças... reinvenção do ensinar**. Projeto Incluir – UCS/FAPERGS, 2011.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkíria Duarte (Ed). **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira**. 2. ed. Ilustrações de Silvana Marques. São Paulo: USP/Imprensa Oficial do Estado, 2001.v. I:sinais de A a L e v. 11:sinais de M a Z.

\_\_\_\_\_. Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total. **Revista Brasileira de Educação Especial**. São Paulo, v.6, n.1, p.99-116, 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-63982014000400004&script=sci\\_ar\\_ttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-63982014000400004&script=sci_ar_ttext)>. Acesso em: 18/08/2018.

CHIQUEINI, S. **Dicionário de Libras**. Curitiba: São Braz, 2013.

FERNANDES, S. **Educação de Surdos**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

FERNANDES, S. **Fundamentos para a educação especial**. Curitiba: Intersaberes, 2013.

GARCIA, E. de C. **O que todo pedagogo precisa saber sobre Libras**: os principais aspectos e a importância da língua brasileira de sinais. Salto: Schoba, 2012.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009. 88p.

LUCHESI, M. R. C. **Educação de Pessoas Surdas**, Experiências vividas, histórias narradas. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

McCLEARY, Leland. (2003) **O orgulho de ser surdo**. In: encontro paulista entre intérpretes e surdos, 1, (17 de maio) 2003, São Paulo: FENEIS-SP Local: Faculdade Sant'Anna

PEREIRA, M. C. da C. et al **Libras**: conhecimento além dos sinais. São Paulo: Pearson Editora Digital, 2011.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997.

QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

REIS, B. A. C. dos; SEGALA, S. R. **ABC em Libras**. São Paulo: Panda Books, 2009.

RODRIGUEIRO, C. R. B. O desenvolvimento da linguagem e a educação do surdo. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v.5, n.2, p. 99-116, nov. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722000000200008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722000000200008) &lang=pt>. Acesso em: 16/08/2018.

SOARES, R. S. **Educação bilíngue para surdos**: desafios para a formação de professores. 2013. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-27062013-152059/p t-br.php>>. Acesso em: 04/08/2018.

STROBEL, K. PERLIN, G. **Fundamentos da Educação de Surdos**. 2008. 64 f. Tese Curso de Licenciatura em Letras-Libras – Centro de Comunicação e Expressão/Centro de Educação - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

VALENTINI, C. B. **Inclusão no Ensino Superior**: especificidades da prática docente com estudantes surdos. Caxias do Sul, RS: Educs, 2012.

VELOSO E., MAIA V. **Aprenda Libras com eficiência e rapidez**. Curitiba: MãoSinais, 2009.

F A C U L D A D E  
SÃO BRAZ